

Eh, Minas Gerais, sô!

Milton tira do sério templo da música clássica nos EUA

Vera Franco

NOVA IORQUE — Sem cantar uma só música em inglês, Milton Nascimento encerrou seu show de segunda-feira em Nova Iorque, num Avery Fisher Hall (Lincoln Center) completamente lotado, com a platéia toda de pé, aplaudindo com entusiasmo e sapateando freneticamente por bis. Sem a menor dúvida foi um acontecimento inédito: ver o tradicional templo da música clássica de repente com o mesmo clima do Maracanãzinho. O cantor Paul Simon, a quem Milton dedicou a canção *O vendedor de sonhos*, olhava surpreso o público, representado por diferentes nacionalidades, abandonar seus assentos e correr para junto do palco para ver de perto Milton, com o seu conhecido bonezinho e todo vestido de branco, bisar ao ritmo contagiante da bateria do mestre Robertinho Silva a música *Maria, Maria*.

O público este ano teve chance de ver um Milton Nascimento muito mais solto e versátil — dançando, tocando piano e interagindo com a platéia todo o tempo — do que no show do ano passado, realizado no Radio City Music Hall, muito mais adaptado para os padrões americanos. Como o próprio Milton declarou, o espetáculo deste ano trazia implícito um desafio muito grande: ultrapassar a barreira da língua. Desde a primeira vez que se apresentou nos Estados Unidos, em 1984, no Carnegie Hall, o cantor vem testando a reação da platéia quanto à aceitação de seu repertório em português: "Mesmo que não entendam português, as pessoas aqui costumam depois do espetáculo vir a mim e comentar as suas emoções com certas músicas. E no fundo era realmente o que eu queria dizer. Não literalmente, é claro, mas a nível de sentimento." E Milton resolveu dar o tom este ano, se limitando apenas a apresentar as canções dos álbuns *Miltons* e *Yauaretê* e alguns de seus clássicos como *San Vicente*, *Travessia*, *Cais*, *Canção da América*, em que convocou todos os brasileiros presentes a cantarem com ele.

A idéia de convidar Milton Nascimento para se apresentar no Avery Fisher Hall partiu da Fundação Cultural Brasileira em Nova Iorque. O espetáculo, orçado em US\$



Todo de branco e com seu inseparável boné, Milton entusiasmou o público do Avery Fisher Hall

200 mil, é uma forma de divulgar o produto nacional em Nova Iorque à altura dos eventos culturais da cidade, explica Iza Cha-teaubriand Sessler, presidente da entidade. E o cantor é um investimento certo de bilheteria. Embora nenhum músico brasileiro tenha ainda alcançado sucesso comercial nos Estados Unidos, não resta dúvida de que entre todos eles Milton Nascimento é o que goza de maior reputação no mercado, não só entre os críticos musicais e o público, mas também entre os próprios músicos americanos, afirma Tom Gibson, produtor internacional da CBS.

Em quase todos os artigos sobre música

brasileira publicados nas principais revistas americanas, Milton é sempre apresentado como o carro-chefe. E volta e meia o cantor é surpreendido por demonstrações de carinho dos músicos americanos — a cantora e compositora de jazz Nina Simone, certa ocasião, bateu à porta de seu camarim, em Los Angeles, e disse: "Li nos jornais que você gosta de fazer amigos por onde passa, vim aqui pra ser também sua amiga, ser parte de sua vida."

"Meu namoro com os Estados Unidos começou em 1968, quando gravei o meu segundo disco, *Courage* que, embora não tivesse uma boa saída, atingiu muitos músi-

cos americanos, principalmente os de jazz, que na época eram os de cabeça mais aberta. Hoje está diferente a situação. É possível encontrar músicos americanos de várias tendências pesquisando no Brasil e se inspirando, mas naquela época eram só os jazzistas. Mas o trabalho mais importante em termos de público foi *Native dance*, álbum gravado em 1974 com o saxofonista Wayne Shorter. Com esse disco eu não só atingi o mercado americano como também o europeu." Todo mundo então começou a falar em Milton Nascimento, essa novidade que Wayne Shorter descobriu, conta Milton. Em termos de vendas de discos nos Estados Unidos, nem Milton conseguiu quantificar e

nem Tom Gibson quis declarar, mas a vendagem, de *Miltons* e de *Yauaretê*, está bem maior do que se previa. "A partir do momento em que a gente vai divulgando os discos através de shows, as pessoas vão para casa com a imagem na cabeça e acabam querendo estender mais esse momento", explica Milton.

No total do mercado norte-americano, a música brasileira representa pouco menos de 1%, e esse percentual não se alterou muito nos últimos três anos. A fatia que cabe à música brasileira nos Estados Unidos ainda é muito pequena por causa de sua sofisticação, que a torna sob esse aspecto muito mais próxima ao jazz do que da música popular americana. Um outro fator é a língua, declara Tom Gibson. O próprio Milton admite que no passado perdeu grandes oportunidades de se apresentar nos Estados Unidos porque tinha informação de que os americanos só gostam da música cantada em inglês. "Eu não me sentia muito à vontade para cantar em inglês as músicas feitas aqui. Ou seja, as letras não foram feitas do jeito que eu gosto de fazer as minhas coisas, tal como levar à pessoa à Minas Gerais para conhecer a comida, o povo, a natureza, ficar amigo e depois escrever". Milton agora está acertando os detalhes para uma parceria definitiva em inglês: "Quero um parceiro que pegue o espírito do que eu canto e que a gente conviva da mesma maneira que faço com os meus parceiros brasileiros".

Recentemente, ele acabou de escrever uma música cantada por crianças, que Paul Simon gravará em seu novo álbum, e compôs um tema de 20 minutos para o ballet de David Parsons, com estréia prevista para o princípio do próximo ano em Nova Iorque. No Brasil, Milton está concluindo as composições e os arranjos para o novo ballet do grupo Corpo, que será também estreado no ano que vem. Além de seu engajamento político em defesa da ecologia, as suas andanças e pesquisas pelas tribos indígenas da Amazônia resultará em novo disco que fala sobre as águas, em especial sobre os rios, que são as veias que correm da terra. Desse álbum, que começará a ser gravado em janeiro, participarão índios, seringueiros e convidados internacionais. Milton já tem prontas várias canções de tribos que escolheu para cantar e depoimentos de índios e seringueiros.